

REAL EM QUEDA

Ministro da Fazenda, homem forte da política econômica por oito anos, será o responsável por conduzir a transição do atual governo para a futura administração. Idéia dos principais candidatos a presidente é usar a equipe atual para renegociar a dívida pública brasileira

Missão para Malan

Luís Costa Pinto e
Paulo Silva Pinto
Da equipe do **Correio**

Seis recordes consecutivos da cotação do dólar ante o real foram suficientes para lançar no cenário eleitoral um novo personagem. Ele não é político, recusou apelos para se filiar ao PSDB e disputar a indicação para a Presidência e, ainda assim, com a moeda americana valendo R\$ 3,30, virou protagonista central do debate sucessório. Estamos falando do ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Mesmo sendo artifice do cenário ruinoso da economia brasileira, mesmo tendo administrado a escalada da dívida pública de R\$ 60 bilhões em janeiro de 1995 para os atuais R\$ 750 bilhões, o nome de Malan passou a frequentar as reuniões dos núcleos de campanha dos três principais presidenciais. Eleitos, tanto Luiz Inácio Lula da Silva (PT), quanto Ciro Gomes (PPS) ou José Serra (PSDB) irão impor uma missão ao ministro da Fazenda: ele terá de usar os 60 dias de prazo existentes entre o segundo turno de eleição e a posse do novo presidente para ajudar a equipe de transição a renegociar a dívida pública. Sobre tudo a dívida interna.

A missão não é nenhuma deferência a Malan. É justo que seja assim. Há oito anos ele conduz com braço forte a política econômica. Foi o grande fiador da estratégia de sobrevalorização do real ante o dólar que perdurou até janeiro de 1999.

Construiu, nesse período, imensos canais de interlocução com empresários e investidores nacionais e estrangeiros. Logo, caiu-lhe como uma luva o designio de explicar ao mercado por que o país terá de estender os prazos de vencimento de títulos e dívidas. É o que crêem os candidatos à sucessão de Fernando Henrique Cardoso, que se vêem obrigados a antecipar medidas e rotas econômicas.

O **Correio** conversou com três integrantes do primeiro escalão do comando político de cada uma das três principais candidaturas presidenciais. Todas as nove pessoas consultadas disseram — ora com maior, ora com menor ênfase — que Pedro Malan protagonizará papel fundamental na transição entre o governo que sai e a nova administração. Ele será usado para conferir credibilidade às propostas de renegociação do perfil das dívidas públicas interna e externa. Essa renegociação não pode cheirar a calote, mas terá de ser feita. O governo não tem fôlego para resgatar os títulos lançados com o objetivo de calçar o endividamento. Se um pacto entre devedor e credores não for feito, o novo governo assu-

me sob o estigma do *default*. Extraído do jargão técnico, o anglicismo significa quebra, calote, inferno.

Nem Malan nem os candidatos a presidente quiseram falar diretamente sobre a transição entre as duas administrações depois da eleição. Mas não desmentem que há conversas sendo mantidas nos bastidores. Cada um dos principais presidenciais trata de azeitar os canais com o Ministério da Fazenda. Serra ganhou a interlocução do próprio presidente da República junto a Malan, com quem pas-

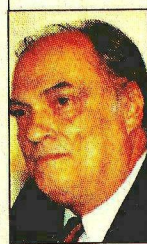
sou oito anos alimentando intensas divergên-

cias teóricas. Lula trata de lubrificar o diálogo entre os economistas do PT e Arminio Fraga, presidente do Banco Central. Aloizio Mercadante, deputado por São Paulo, é o canal entre Arminio e os petistas. E Ciro, que conta com simpatizantes nos quadros técnicos do BC e do BNDES, tem bom trânsito com Francisco Gros (presidente da Petrobras), Eleazar de Carvalho Filho (presidente do BNDES) e até com vetusto Malan, com quem trabalhou na época em que foi ministro da Fazenda.

RECESSÃO E DEPRESSÃO

Alta do dólar pôs a economia brasileira na rota de um ciclo depressivo. É o que afirma o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida. A avaliação tem como referência números de maio sobre a produção industrial. Eles indicam queda de 5,1% comparando-se com o mês anterior e 0,21% em relação ao mesmo mês no ano anterior. “Houve lenta recuperação de novembro do ano passado até maio. Daí a produção apontou para baixo de novo”, diz Almeida (*leia reportagem na página 7*). Se o levantamento do Produto Interno Bruto (PIB) indicar a queda nos dois últimos trimestres deste ano, o país estará oficialmente em recessão — pelo critério técnico, ela chega quando o PIB cai por dois trimestres seguidos.

EXPECTATIVAS



“É necessário usar a sabedoria de Pedro Malan, sua habilidade

de negociador da dívida externa brasileira na era pré-Real, para que ele ajude o futuro governo a negociar com os credores. Só um pacto, uma extensa negociação, irá trocar dívidas de curto prazo por dívidas de médio e longo prazos.”

ROBERTO FREIRE (PPS-PE),
senador

“Apesar da retórica da campanha, acredito que os candidatos da oposição poderão colaborar com eventual acordo de transição. Mesmo porque, eles já se manifestaram favoráveis à manutenção do superavit primário de 3,75% do PIB, bem como inflação em níveis baixos e horar contratos com os credores”

JOHN WELSH,
economista-chefe para a América
Latina do Banco WestLB



“A escalada da crise econômica nos obriga a trabalhar com

cenários diferentes todos os dias. Hoje, tanto no governo quanto na oposição há espírito público para se procurar uma solução negociada para o altíssimo endividamento do Estado e das empresas privadas.”

ANDRÉ SINGER,
porta-voz de Lula

“Serra, Lula ou Ciro, quem quer que vença a eleição, depois da vitória terá de trabalhar pela união de todos os setores nacionais para resgatar a esperança. Essa derrocada econômica é inesperada e surpreendente. Precisamos de um pacto.”

TASSO JEREISSATI (PSDB),
ex-governador do Ceará



EM JULHO DE 1994, O CANDIDATO FERNANDO HENRIQUE DÁ AUTÓGRAFO EM NOTA DE R\$ 1. ESTABILIDADE ECONÔMICA LEVOU EX-MINISTRO DA FAZENDA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA